

## Entrevista com Yasodara Córdova

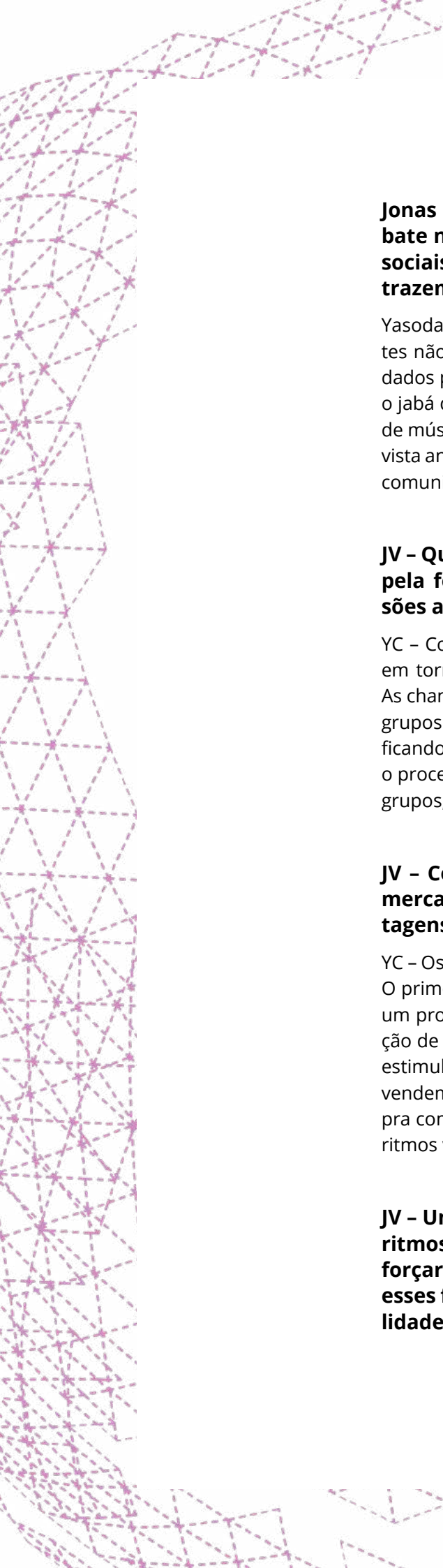
Por Jonas Valente

Contato: [jonasvalente@gmail.com](mailto:jonasvalente@gmail.com)

Yasodara Córdova é *alumni* do Berkman Klein Center para o Estudo da Internet da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, um dos centros mais notórios de investigação em temas relacionados à Internet e tecnologias da informação e comunicação do mundo. Ela foi *senior fellow* no local, na área de pesquisa sobre cidadania, democracia digital, dados abertos, transformações em governos e participação.

Desenvolvedora, participa de diversas iniciativas sobre tecnologia e democracia, como a Operação Serenata de Amor, que utilizou inteligência artificial para fiscalizar os gastos de recursos públicos de políticos brasileiros. Trabalhou como especialista no Consórcio World Wide Web e no desenvolvimento de interface entre tecnologias e participação no governo federal. Além disso, foi consultora das Nações Unidas.

Córdova contribuiu com diversas organizações da sociedade civil, como Coding Rights, Internetlab, Coletivo Tactical Tech e Avaaz. Ela faz parte do conselho da organização Ciudadania Inteligente, que atua pelo fortalecimento da democracia na América Latina, e da Fundação Open Knowledge no Brasil.



**Jonas Valente – Os algoritmos têm ganhado visibilidade no debate não só sobre tecnologia, mas nas comunicações e ciências sociais em geral. Qual sua avaliação sobre as mudanças que eles trazem?**

Yasodara Córdova – Os algoritmos vão agregar escala às decisões que antes não eram automatizadas, pois estão sendo construídos com base em dados preexistentes, com tendências preexistentes. Por exemplo: se antes o jabá das rádios era o responsável por nos direcionar a determinado tipo de música, agora serão algoritmos. Isso vai gerar uma fragmentação nunca vista antes, e ainda não temos ferramentas pra analisar o impacto disso nas comunicações.

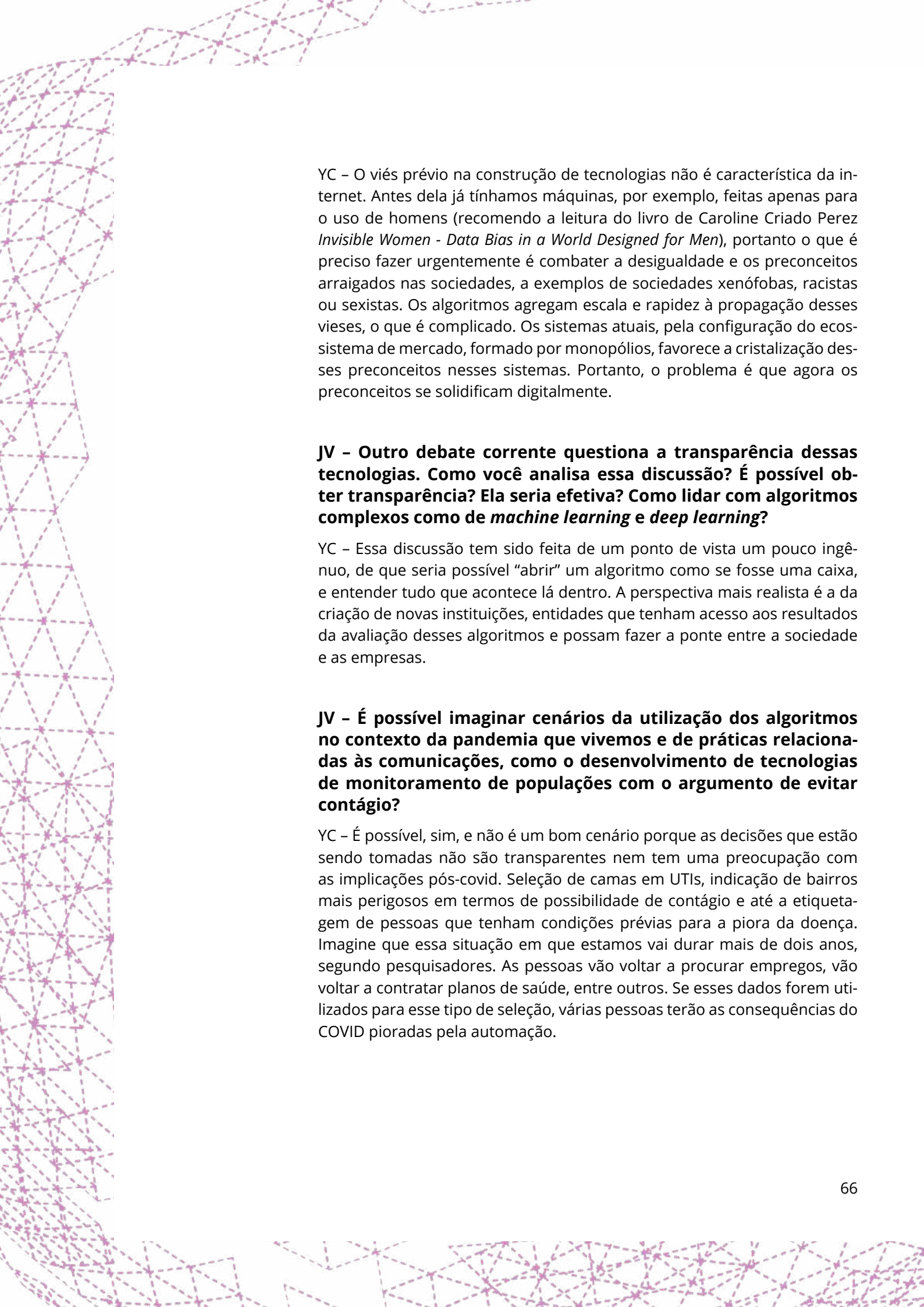
**JV – Qual papel eles desempenham no novo paradigma marcado pela forte coleta de dados, processamento inteligente e decisões automatizadas?**

YC – Como eu disse, os algoritmos tendem a fragmentar as comunidades em torno de pequenas preferências em comum entre pequenos grupos. As chances de que esses pequenos grupos tenham intersecção com outros grupos vão diminuindo a partir do momento em que as preferências vão ficando mais acirradas, gerando uma espécie de feudalismo digital. Como o processamento de dados elimina essas possibilidades de encontro entre grupos, a tendência é de que serão grupos cada vez mais fechados.

**JV – Como, na sua avaliação, o uso dos algoritmos impacta os mercados de tecnologia e informação e podem configurar vantagens que estimulam a concentração nesses mercados?**

YC – Os algoritmos podem favorecer grandes monopólios por dois motivos. O primeiro deles é a concentração de conhecimento advinda dos dados. É um processo semelhante ao das patentes, que impede inovação e a geração de negócios em países colonizados tecnologicamente. Outro fator que estimula a desigualdade na competição é favorecendo “produtores” que já vendem muito, como é o exemplo do YouTube, onde os iniciantes sofrem pra começar a competir de verdade com os grandes. Com certeza os algoritmos vão provocar uma atualização das leis antitruste.

**JV – Um dos principais debates em torno dos impactos dos algoritmos é o dos vieses. De que maneira os algoritmos podem reforçar opressões e desigualdades e qual a diferença entre como esses fenômenos ocorriam na Internet antes e depois da centralidade dos algoritmos?**



YC – O viés prévio na construção de tecnologias não é característica da internet. Antes dela já tínhamos máquinas, por exemplo, feitas apenas para o uso de homens (recomendo a leitura do livro de Caroline Criado Perez *Invisible Women - Data Bias in a World Designed for Men*), portanto o que é preciso fazer urgentemente é combater a desigualdade e os preconceitos arraigados nas sociedades, a exemplos de sociedades xenófobas, racistas ou sexistas. Os algoritmos agregam escala e rapidez à propagação desses vieses, o que é complicado. Os sistemas atuais, pela configuração do ecossistema de mercado, formado por monopólios, favorece a cristalização desses preconceitos nesses sistemas. Portanto, o problema é que agora os preconceitos se solidificam digitalmente.

**JV – Outro debate corrente questiona a transparência dessas tecnologias. Como você analisa essa discussão? É possível obter transparência? Ela seria efetiva? Como lidar com algoritmos complexos como de *machine learning* e *deep learning*?**

YC – Essa discussão tem sido feita de um ponto de vista um pouco ingênuo, de que seria possível “abrir” um algoritmo como se fosse uma caixa, e entender tudo que acontece lá dentro. A perspectiva mais realista é a da criação de novas instituições, entidades que tenham acesso aos resultados da avaliação desses algoritmos e possam fazer a ponte entre a sociedade e as empresas.

**JV – É possível imaginar cenários da utilização dos algoritmos no contexto da pandemia que vivemos e de práticas relacionadas às comunicações, como o desenvolvimento de tecnologias de monitoramento de populações com o argumento de evitar contágio?**

YC – É possível, sim, e não é um bom cenário porque as decisões que estão sendo tomadas não são transparentes nem tem uma preocupação com as implicações pós-covid. Seleção de camas em UTIs, indicação de bairros mais perigosos em termos de possibilidade de contágio e até a etiquetagem de pessoas que tenham condições prévias para a piora da doença. Imagine que essa situação em que estamos vai durar mais de dois anos, segundo pesquisadores. As pessoas vão voltar a procurar empregos, vão voltar a contratar planos de saúde, entre outros. Se esses dados forem utilizados para esse tipo de seleção, várias pessoas terão as consequências do COVID pioradas pela automação.